



OBRAS DIDÁTICAS DESTINADAS A PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL APROVADAS NO PNLD 2019: que sugestões de atividades de leitura e de escrita são propostas no livro “Pé de brincadeira”?¹

*Augusto Vinícius Oliveira da Silva*²

*Alexsandro da Silva*³

Eixo temático 1: Alfabetização e políticas públicas

Resumo: O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) sofreu, em 2017, alterações significativas, como a inclusão da Educação Infantil em seu escopo, contemplando obras didáticas destinadas a professores dessa etapa da Educação Básica. Neste trabalho, propomo-nos a apresentar os resultados de uma análise documental da obra “Pé de brincadeira”, destinada a docentes de turmas de crianças de 4 e 5 anos, a fim de analisar as orientações nela contidas sobre o ensino de leitura e de escrita. Os resultados evidenciaram que a obra analisada se pauta por sugestões e objetivos de aprendizagem que enfocam, sobretudo, os conhecimentos referentes ao campo do letramento, a partir de diversificados momentos de contato com a língua escrita. Quanto à apropriação do sistema de escrita, observamos um número significativamente menor de sugestões de atividades, concentradas, principalmente, na escrita espontânea e na leitura de palavras estáveis.

Palavras-chaves: leitura; escrita; livros didáticos; educação infantil; PNLD 2019.

Introdução

No ano de 2017, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) sofreu alterações significativas, como a inclusão da Educação Infantil em seu escopo, contemplando obras didáticas destinadas a professores dessa etapa da Educação Básica. Tais obras, compostas

¹Este trabalho faz parte de um projeto guarda-chuva que objetivou investigar os processos de letramento e alfabetização na Educação Infantil, e contou com o apoio da FACEPE.

²Mestrando em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – CAA/UFPE. Contato: augustoviniussilva.avs@gmail.com

³Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor associado do Núcleo de Formação Docente e Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea do CAA/UFPE. Contato: alexandro.silva2@ufpe.br

por livro impresso e material digital, deveriam conter orientações destinadas aos docentes dessa etapa, propondo uma organização das atividades em torno de brincadeiras, interações e a ampliação de experiências, conhecimentos e habilidades de crianças de 0 a 5 anos (BRASIL, 2018).

Considerando esse cenário de discussão, temos como objetivo, neste trabalho, investigar orientações sobre o ensino da leitura e da escrita em turmas de crianças de 4 e 5 anos em uma obra didática destinada a professores de Educação Infantil, aprovada no PNLD 2019. Partimos do pressuposto de que tanto a dimensão do letramento quanto a da apropriação da escrita alfabética podem integrar o trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Infantil, sem desconsiderar as interações e as brincadeiras como eixos dessa etapa, assim como os interesses, as necessidades e as especificidades das crianças menores de 6 anos.

No contexto brasileiro, o campo da leitura e escrita na Educação Infantil constitui objeto de muitas controvérsias, tensões e polêmicas. Conforme apontam Brandão e Leal (2010), há, nesse cenário, por um lado, aqueles que consideram que as crianças deveriam ser alfabetizadas antes dos 6 anos de idade (“obrigação da alfabetização”). Em outro extremo, situam-se os que são contrários a essa posição e defendem o privilégio da exploração de outras linguagens no currículo da Educação Infantil, em detrimento da linguagem escrita e de sua notação (“letramento sem letras”).

No âmbito ainda das tensões e controvérsias nesse campo, Ferreira (1995 [1985]) problematizou, em meados dos anos 1980, uma questão que parece ainda emergir, implícita ou explicitamente, nos debates atuais sobre o tema: “deve-se ou não ensinar a ler e a escrever na Educação Infantil?”. Segundo a autora, essa pergunta está mal colocada, porque parte do falso pressuposto de que são os adultos que decidem quando deveria ser iniciada a aprendizagem da leitura e da escrita, desconsiderando que, mesmo antes de entrar na escola, as crianças já iniciam o processo de compreensão do funcionamento da escrita alfabética e de seus usos e funções.

Neste trabalho, analisamos, como já dito, uma obra didática destinada a professores de Educação Infantil, aprovada no PNLD 2019, investigando, de modo mais específico, as sugestões de atividades nela presentes sobre o ensino de leitura e de escrita em turmas de crianças de 4 e 5 anos.

2 Metodologia

O estudo foi desenvolvido a partir da análise documental, entendendo que o documento constitui, conforme Le Goff (1990), resultado das escolhas e das intenções da sociedade que o produziu, em um determinado momento histórico. A análise de documentos

envolve descrição ou transcrição, ordenação e seleção das informações neles contidas (LAVILLE; DIONNE, 1999), o que implica a transformação de um documento primário (bruto) em um documento secundário (BARDIN, 2004).

Neste estudo, foi analisada uma das obras impressas aprovadas no PNLD 2019 destinada a professores que atuam com crianças de 4 a 5 anos. No conjunto das obras aprovadas, apenas duas contemplavam esse público: “Aprender com a criança - experiência e conhecimento”, da Autêntica Editora, e “Pé de Brincadeira”, da Editora Positivo. Essa última constituiu objeto de nossa análise, que recorreu à análise temática de conteúdo, contemplando as etapas indicadas por Bardin (2004): pré-análise, análise do material (codificação e categorização da informação), tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

4 Resultados e Discussão

Apresentamos, no Quadro 1, uma síntese das sugestões de atividades relacionadas à apropriação do SEA e às práticas de leitura e de produção de textos propostas pela obra analisada⁴.

Quadro 1. Sugestões de atividades do livro “Pé de brincadeira” relacionadas à apropriação do SEA e às práticas de leitura e de produção de textos.

SUBCATEGORIAS	OCORRÊNCIAS
Leitura de textos	
Leitura em voz alta pelo professor	12
Conversa sobre o texto lido (perguntas de compreensão leitora)	8
Reconto de texto lido	7
Leitura espontânea	2
Subtotal	29
Produção de textos escritos	
Produção de textos tendo o professor como escriba	15
Subtotal	15
SEA	
Escrita espontânea	13
Leitura de palavras estáveis	6
Exploração de letras	4
Montagem de palavras com alfabeto móvel	1
Subtotal	24

Fonte: Dados da pesquisa.

Agrupamos as atividades apontadas acima em três eixos (ou categorias): Leitura de textos, Produção de textos escritos e SEA. Em uma breve análise, identificamos uma maior frequência de ocorrências do eixo de “Leitura de textos”, com 29 ocorrências, e de apropriação

⁴ Durante o tratamento preliminar dos dados, percebemos que no início dos enunciados das atividades sugeridas, havia indicações dos campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) às quais elas faziam referência. Assim, neste trabalho, selecionamos as atividades concernentes ao campo “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”, que, na obra, é designado “Oralidade e escrita”.

do SEA, com 24 ocorrências. Nos dois primeiros eixos, destacamos uma maior frequência das sugestões “leitura em voz alta pelo professor” e “produção de textos tendo o professor como escriba”. A seguir, discutiremos os resultados apresentados anteriormente conforme os três eixos apontados no quadro 2.

4.1 Leitura de textos

Nessa categoria, encontramos ocorrências nas atividades que envolviam, por exemplo, a “leitura de textos em voz alta pelo professor” e a “conversa sobre o texto lido (perguntas de compreensão leitora)”. Essas atividades, conforme Brandão e Leal (2010), permitem às crianças ampliarem seus repertórios textuais, expandindo suas experiências de letramento por meio de sua participação em diversas práticas sociais de uso da língua escrita, assim como o desenvolvimento de estratégias de compreensão do texto escrito. Assim, atuam de modo integrado, promovendo o interesse das crianças pela leitura e o desenvolvimento de estratégias de leitura, ampliando sua participação no mundo da cultura escrita.

Nesse sentido, encontramos, na obra analisada, por exemplo, a atividade denominada “Chapeuzinho Vermelho” (CORDI, 2018, p. 238), na qual há um trabalho integrado de leitura em voz alta pelo professor e de conversa sobre o texto lido, sugerindo-se ao professor que, a partir da imagem da capa de um livro que contenha o conto da *Chapeuzinho Vermelho*, incentive as crianças a elaborarem hipóteses sobre o seu conteúdo.

As sugestões de atividades de “reconto de texto lido” e de “leitura espontânea” também aparecem na obra didática. No caso dessa última, trata-se de incentivar a criança a imaginar-se lendo os textos abordados, mesmo que ainda não saiba ler convencionalmente. Pontuamos, conforme Leal e Silva (2010), que essa atividade constitui uma atividade lúdica que proporciona às crianças momentos nos quais elas imitam os adultos nas práticas de leitura cotidiana, além de evidenciar a capacidade dos meninos e das meninas de “observarem” a linguagem escrita e apropriarem-se das características do texto lido.

Na obra analisada, encontramos exemplos de sugestões de atividades com recomendações de ambas as práticas. Por exemplo, na atividade “Rodas de leitura dos contos dos irmãos Grimm” (CORDI, 2018, p. 243), a partir da leitura de outros contos criados pelos Irmãos Grimm, é sugerido que o professor realize rodas de leitura que incentivem a “leitura espontânea das histórias”. Em outro exemplo, na atividade “Na Amazônia” (CORDI, 2018, p. 176), propõem-se um momento no qual as crianças devem recontar uma lenda indígena lida anteriormente, após o exercício de construção de um cenário e dos personagens, por parte das crianças.

4.2 Produção de textos escritos

Brandão e Leal (2010) apontam a importância da variedade de textos e de situações significativas e reais de produção e comunicação escrita. As autoras também enfatizam que, a partir dessas práticas, é possível o desenvolvimento de estratégias diversificadas de produção de textos, assim como a mobilização dos conhecimentos construídos nos momentos de leitura, o que as auxilia, a seu modo, a tornarem-se usuárias da escrita.

Nessa perspectiva, na obra didática analisada, embora tenhamos encontrado, comparativamente, uma frequência menor de ocorrências relacionadas à categoria produção de textos escritos, a subcategoria “Produção de textos tendo o professor como escriba” foi a de maior frequência (15 ocorrências). Dentre as sugestões apresentadas pelo livro, destacamos “Blitz na escola” (CORDI, 2018, p. 189) e “Ideias de outros tempos” (CORDI, 2018, p. 203), na qual se propõe a produção de textos coletivos a serem construídos a partir de vivências na escola.

Morais (2012) pontua que, ao construir textos coletivos tendo o professor como mediador e escriba, proporciona-se às crianças a apropriação das características de diferentes gêneros textuais e de seus usos em diferentes contextos sociais. Outro ponto destacado na seção anterior, é que tais situações podem fazer a criança avançar em seus “conhecimentos letrados”. Contudo, conforme o autor ressalta, é preciso que tais situações sejam significativas para os aprendizes.

4.3 SEA

No terceiro eixo apresentado no Quadro 1, temos a apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA), no qual destacamos, inicialmente, a subcategoria com maior frequência encontrada: “escrita espontânea”, que pressupõe a mobilização, pela criança, de conhecimentos já construídos acerca do sistema de escrita para, com base neles, “escreverem como sabem” palavras e textos. Essa prática permite ao professor, por exemplo, identificar as hipóteses construídas pela criança sobre o SEA quanto às duas questões indicadas por Moraes (2012): “o que” as letras representam e “como” elas o fazem.

Nesse sentido, encontramos, na obra didática, ocorrências referentes a essa subcategoria em forma de respostas a questões e a legendas explicativas de desenhos e fotos, entre outras. Há um exemplo dessa subcategoria na atividade “Mais cores em sua refeição” (CORDI, 2018, p. 220), na qual, após uma discussão sobre as cores dos alimentos *in natura* e uma alimentação saudável, é sugerido que o professor elabore com as crianças uma lista com fotos ou desenhos de alimentos que elas se comprometerão a provar, acompanhados de uma legenda com o nome dos alimentos selecionados escritos pelas próprias crianças.

No terceiro eixo, também definimos a subcategoria “leitura de palavras estáveis”, que,

segundo Morais (2012), referem-se às situações nas quais as crianças reconhecem as palavras e conseguem reproduzi-la de memória, a partir da exposição e registro frequente dessa palavra, como é o caso do nome próprio. Uma sugestão de atividade encontrada no livro que envolve a “leitura de palavras estáveis” aparece na atividade intitulada “Memória dos nomes” (CORDI, 2018, p. 82), que envolve um jogo de memória com os nomes das crianças da turma.

Com relação à categoria “conhecimento de letras”, Brandão e Leal (2010) destacam sua importância, tendo em vista que as crianças podem atentar ao princípio de que, para escrever palavras, utilizamos letras. Outro ponto destacado pelas autoras é que, em situações que exploram esse conhecimento, as crianças podem conversar sobre qual letra usar, assim como se familiarizar sobre seu traçado. As autoras também apontam que esses conhecimentos merecem ser mobilizados por meio de situações lúdicas e significativas, e propõem como exemplo de recomendação de atividade um “bingo dos nomes”, sugestão também identificada na atividade “Nome e nacionalidade” (CORDI, 2018, p. 91) da obra analisada.

Acerca da subcategoria “montagem de palavras com alfabeto móvel”, na qual identificamos apenas 1 ocorrência, Morais (2012) compreende que essa é uma atividade que possibilita à criança, na ausência da atividade de “traçar” letras, focar sua atenção apenas na reflexão sobre quantas, quais e em que ordem utilizarão esses símbolos para a composição de palavras. Na obra, identificamos uma sugestão de atividade denominada “Eu gosto de comer...” (CORDI, 2018, p. 112), na qual, após uma discussão sobre os alimentos saudáveis preferidos das crianças, é sugerido que elas desenhem esses alimentos e construam com o alfabeto móvel (da forma como souberem) esses nomes.

Para concluir, um importante aspecto acerca do ensino de leitura e escrita, a exploração da consciência fonológica, não foi observado nas sugestões analisadas. Conforme definido por Morais e Silva (2010, p. 74), a consciência fonológica define-se como a “capacidade de refletir conscientemente sobre as unidades sonoras da língua e de manipulá-las de modo deliberado”. Embora a obra apresente alguns textos que incluem rimas e aliterações, não são destinados momentos específicos para refletir, segmentar ou comparar as unidades sonoras das palavras. Como exemplo, indicamos as atividades “Parlenda com a mão” (CORDI, 2018, p. 145) e “Tatu-bola” (CORDI, 2018, p. 166), que, apesar de contemplarem textos com rimas e aliterações, não destinam um momento específico para a reflexão ou comparação entre os sons que as palavras produzem.

5 Considerações finais

Os resultados do presente trabalho indicaram a recorrência de sugestões de atividades

referentes ao eixo do letramento, a partir de situações de leitura e de produção de textos, que, quando abordadas de modo significativo, proporcionam ocasiões ímpares e significativas de aprendizagem da língua escrita pelas crianças. Contudo, nossa análise também demonstrou que, no eixo da apropriação do SEA, não foram considerados, de forma significativa, aspectos tidos como importantes.

Concebemos, assim, que a obra analisada pauta-se por sugestões e objetivos de aprendizagem que enfocam os conhecimentos referentes ao campo do letramento – leitura de textos e produção de textos escritos (cerca de 64%) –, a partir de diversificados momentos de contato com a língua escrita. Quanto à apropriação do SEA, observamos um número significativamente menor de sugestões de atividades (cerca de 35%), concentradas, sobretudo, na escrita espontânea e na leitura de palavras estáveis. Por outro lado, o livro não apresenta um enfoque maior no trabalho com o alfabeto móvel ou em aspectos como a consciência fonológica.

Um outro ponto que brevemente pontuamos é que, considerando o contexto de aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a obrigatoriedade de adequação das obras didáticas a esse documento curricular, notamos um alinhamento do livro analisado à BNCC, desde a sua estruturação até as sugestões de atividades, corroborando com o exposto por Moraes, Silva e Nascimento (2020, p. 1), ao analisarem as três versões da BNCC e constatarem que o documento “pouco explicitou o direito de as crianças avançarem em sua compreensão da escrita alfabética antes de ingressarem no ensino fundamental”.

Referências

- BRANDÃO, A. C. P.; LEAL, T. F. Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: O que isso significa? In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2019: Educação Infantil** - guia de livros didáticos - Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2018.
- CORDI, A. **Pé de brincadeira**: pré-escola: 4 a 5 anos e 11 meses: livro do professor da Educação Infantil. Curitiba: Editora Positivo, 2018.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LEAL, T. F.; SILVA, A. Brincando, as crianças aprendem a falar e a pensar sobre a língua. In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- MORAIS, A. G.; SILVA, A.; NASCIMENTO, G. S. Ensino da notação alfabética e práticas de leitura e escrita na educação infantil: uma análise das três versões da Base Nacional

Comum Curricular. **Revista Brasileira de Educação** v. 25 e250018, 2020.
MORAIS, A. G.; SILVA, A. Consciência fonológica na Educação Infantil: desenvolvimento de habilidades metalinguísticas e aprendizado da escrita alfabética. In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
SOARES, Magda. Aprendizagem lúdica. **Revista Educação**, 2011. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/0/aprendizagem-ludica-240352-1.asp> Acesso em: 15 ago. 2014.